

O RETIRANTE

ORGAM DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES PARTICULARES: 80 RS. POR LINHA

PUBLICA-SE SEMANALMENTE.

PREÇO DA ASSIGNATURA: 1.000 MENSAS.

Anno I.

Fortaleza — Quarta-feira, 16 de Janeiro de 1878.

N. 30

O RETIRANTE.

FORTALEZA, 16 DE JANEIRO DE 1878.

Tombou para não mais levantar-se no occaso dos tempos o fatidico—1877.....

E, surgiu fulgurante nos horisontes azues da patria uma nova aurora..... e para a existencia jornalística do *Retirante* uma jucunda e auspiciosa epocha.

Na historia critico-politica do paiz será sempre uma pagina de ouro a sua rapida apparição.

Como tambem no meio do mais rijo soprar das borrascas de todas as paixões ignobéis de sordidos e vis interesses, que tinham por fim amordaçar os nobres impulsos do coração humano, o desabrochar de sua vida—é e será sempre um magnifico e grandioso espectaculo, a manifestação de uma lei de perfectibilidade, e a resolução exuberante de um trabalho moral.

E' uma reacção de equidade e ventura.

Sim, de reacção, por que é ella a associação amiga e secular do progresso e da civilização, que, não tolera, nem pôde ver sem se lhe brilharem nos olhos chispas de fogo,—a consciencia individual e o pensamento torturados e incorrentados no gozo de suas amplas liberdades.

Ella que não consente que se concatene com utopias sanguinarias—essas duas liberdades do verbo nefando das ruins predicas recheiadas de falsidades e mentiras, nem que se lance anathemas fulminantes ao que lhe pôde dar—força, direito e razão.

E' por fim uma lição de alta metaphysica que approve dar-nos a sabia e divina providencia quando em prol da humanidade soube collocar o antidoto á par do veneno, o bem á par do mal, a verdade á par do erro, e a virtude á par do vicio!...

Comprehendendo e abraçando estas grandes verdades, o *Retirante* retoma hoje com afan e denodo a sua marcha, e reiteira a profissão de seus principios, não obstante os dedalos e contrariedades que levantarém atrevidamente para embargar-lhe os passos, dos sacrificios peníveis que hajam de custar-lhe, e dos golpes tremendos e litânicos dos seus mediocres antagonistas.

Eil-o, pois, arriscando sem medo o pé na arena espaçosa do jornalismo, para lembrar aos povos, como um verdadeiro sacerdote, a sua alta e sublime missão—que é—rasgar e desvendar novos horisontes, e acender novas luzes que espanquem

as brumas do erro e da ignorancia que vão arrojando a sociedade no barathro profundo da perdição.

Eil-o do cimo do pedestal da epocha e no meio das ondas dos acontecimentos para fulminar anathemas aos vicios e aos erros, condemnar os desvairamentos da razão e da consciencia e expandir idéas de repressão moral que exterminem e abafem essa activa frequencia de escandalos cynicos que os partidos desmoralizados e corruptos cream e justificam tornando-se solidarios com os que os praticam.

E como tambem para indicar que esta solidariedade excitada e agulada pelas veleidades orgulhosas e pelas justificações e applausos geraes é que arvora os crimes em virtudes.

Pois que é um facto psychologico que a malicia e a perversão do espirito dos governantes hão de passar aos seus actos.

E' myster, portanto, se quizermos conduzir a sociedade ao templo mystico da paz e da felicidade pugnarmos sinceramente pelos seus direitos, fazendo-lhe em primeiro lugar conhecer—a verdadeira sciencia politica, que segundo Aristoteles, é—a doutrina dos primeiros principios directores do entendimento, de vontade e dos actos humanos, em ordem á satisfazer completamente as tendencias naturaes do homem para a sua conservação e ventura.

Isto posto diremos—não pôde a sciencia politica prescindir da moral ou d'ella separar-se como entendem alguns; porque julgamos impossivel scindir em duas a indivisivel personalidade humana.

Logo a distincção illogica que ententam fazer entre a ordem politica e a ordem moral para declinarem da responsabilidade e para justificar as arbitrariedades e as violações dos deveres moraes pela pessoa publica é—um absurdo inqualificavel.

Não ha no mundo um principio politico e outro moral, como muito bem notou um escriptor, aliás insuspeito; o principio moral existe só: domina e ordena todas as sciencias civis, as quaes abstrahindo-se e destacando-se d'elle não passam de meras expressões e tristes aspectos do direito universal.

Os factos politicos na realidade se vinculam aos ultimos fins sociaes... por isto uma só e unica lei suprema governa e abraça todos, lei de summa transcendencia, de sabedoria, de bondade infinita, lei moral absoluta.

« Politica sem moral é o—utilitarismo,

é o puro machiavellismo, (ou antes phroudonismo) é a astucia e não a arte de aperfeiçoar e tornar felizes os cidadãos, é em fim a arma sophistica dos tyrannos. »

« A politica n'este seculo, diz V. Hugo, deve tambem e pôde ter sua fé santa, sua fé util e crer na patria, na intelligencia e na liberdade. »

Por consequencia o que n'este momento convem em presença da dubiedade e inquietação em que se acham os espiritos, não são—hypocrisias, mentiras, utopias e idealidades politicas, nem liberdade em theorias, nem estes laivos de syndicancia na pratica, não! O que convem n'estas incertezas em que estão os animos—é um grande exemplo do alto, é sobre tudo no governo de hoje a elevada e soberba pratica da verdade e da justiça.

Porque, a razão summa do estado, o fim ultimo das sociedades politicas é a—justiça. O que deu lugar a Hume dizer: que devemos considerar o vasto apparelho do governo, como não tendo em definitivo outro fim sinão a distribuição da justiça. E isto é obvio e intuitivo.

Porque, se todos os individuos attendessem a sagrada voz do dever, se cada um circunscrevendo o exercicio da sua actividade e dentro de justos terminos não se abalancasse além da sua esphera para ir estorvar o desenvolvimento do seu semelhante atacando-lhe a liberdade, e esbulhando os direitos, o estado não perderia a sua principal razão de ser, nem a fé e moral publicas seriam violadas e repellidos para ceder campo ás trevas do saber humano, e do frio glacial das suas loucas appetencias.

Mas desgraçadamente assim não acontece.

Salteado pelo arremettimento das paixões, o homem em sociabilidade, substitue o interesse ao dever, o direito á força, a verdade das cousas pelos preconceitos de individuo, e então a sociedade apresenta, o que é actualmente, um deploravel e espantoso panorama, repleto de scenas horripilantes de confusões e desordens permanentes.

E' assim que pensam os homens de coração nobre, de consciencia incorruptivel e de intelligencia lucida, quando se fazem Socrates ou Aristides, e nunca Augustos ou Scylla.

E o governo que tambem devia pensar assim, somente na hora do perigo é que se lembra dos homens aptos e capazes, e in-

felizmente não os encontra. A influencia moral, que perdura nos dias que lhe pareceram facéis, e que unica o corrobora e o esteia, não lhe renasce porque tem razão e direitos contra os seus adversarios.

Quando se sabe que um governo é fraco, ai d'elle, por que o povo prefere sempre o despotismo á fraqueza.

Mais poderosas que as opposições materiaes, são as opposições moraes. Vão-se estas infiltrando por toda a parte. Findam e morrem com uma batalha as desordens e a guerra civil. Levantam aquellas á cada passo innumeradas difficuldades para o poder, e arrostam emfim as forças da sociedade para uma interminavel lucta, da qual resulta a anarchia com todos os seus horrores!...

E o *Retirante* conhecendo isto fará timbre de se collocar de pé sempre sobre as barricadas do pensamento, para se oppor impavida e desassombradamente aos odios do poder, e as metralhadas dos partidos polluidos.

Conheço isto, repetimos, ... e eis por que forcejará por fazer assentar o poder sobre a mesma base que a liberdade, isto é, sobre o direito; subordinando a força á intelligencia, o despotismo á autoridade; fazendo da ordem a lei dos cidadãos, e da paz a lei das nações—verdadeiras bases da confraternisação universal.

O commercio do Ceará e o governo.

Fezheu-se a ultima via respiratoria da provincia do Ceará.

A' inepta administração de um parvo, succedeu-se a nefasta administração d'um perverso!

O commercio, esse poderoso elemento civilizador, essa nau que conduz d'um a outro canto do mundo as artes e as sciencias, estacou para o Ceará!

Assim devia ser. Já que a natureza ergue o seu alfanje sobre esta desditosa provincia não é muito que a mão sacrilega do homem venha compartilhar da grande missão devastadora.

Tudo jazia arquejante; só o commercio, a ultima arteria que cessa de bater, ia-se, a passo lento e vacillante, conduzido por caminhos invios e escabrosos. Era preciso cortar á provincia o unico elemento de vida que lhe restava. Eis a *nobilissima* missão para que foi escolhido o Sr. conselheiro Aguiar, o mais *digno representante* do Sr. Cotegipe.

Quizemos crer que o *nobre* conselheiro, ao assumir as reas do governo provincial em uma epocha em que só se podia esperar, mesmo d'um coração petrificado, dedicação e denodo, viesse disposto a salvar uma população que se via agouçada pela miseria. A essa crença nos indusiu a philantropia de S. Exc. quando affirmava publicamente que reunia em si as sete pastas do estado. Muito mais se robusteciam as nossas esperanças quando, diante das victimas, viamos S. Exc. baixar a fronte, como que procurando misturar as suas lagrimas com as lagrimas dos famintos.

Illusão! Tudo impostura! tudo hypocrisia! tudo escarneo! Não somos nós que o dizemos, dizem-n'o os factos.

Durante a administração esbanjadora do Sr. Estellita, pequeno, quasi nullo, foi o numero de victimas da fome n'esta capital. Durante o pequeno reinado do Sr. Aguiar, do senhor das sete pastas *cotegipavas*, (tantas quantas eram precisas para *salvar a melindrosa situação*...) as mortes contam-se aos centos! Os proprios degraus de seu palacio tem servido de leito de agonia á muitos infelizes que ali exalam o ultimo suspiro!

A *fabricação* de barracas, no que o Sr. Estellita era tão afanoso, foi immediatamente suspensa por S. Exc. o Sr. Aguiar. O Sr. conselheiro queria representar uma nova scena comica; queria, *depois* de uma noite de copiosa chuva, andar de porta em porta, de chapéo na mão pedindo agasalho para os pobres retirantes, que tinham por asylo o ar livre!

S. Exc. devia prever que algum dia teriamos chuva; mas *precisava* provar que era comediante provecto, que conversava com Talma.

Assim se escarnece da desgraça!!

Mas, em que consiste a morte do commercio? Numa simples *cotegipada* de S. Exc.

Não existe sombra de duvida ácerca do vasto plano architectado pelo illustre professor. Os papalvos que, como nós, quizeram dar credito ao dominio das *sete pastas* para salvar a crise, ficaram desilludidos logo que se tornou notoria a grande operação commercial de S. Exc.

O contracto *livramentino*, de 50 mil volumes de generos alimenticios, foi o primeiro golpe descarregado pelo *asindo* administrador sobre o pobre commercio do Ceará. E' isto, ao que se affirma, o preludio de uma grande serie de operações!

Eis tudo; eis o golpe mortifero do commercio, a que deu aso uma immoralidade inaudita!

E' impossivel a justificação do Sr. Aguiar.

A quem nos objectasse que S. Exc. procurou fugir á usura do commercio do Ceará, como o affirmam os seus aulicos, responderíamos que a usura sempre apresentou-se quando se dá a procura do genero: isto succede no Ceará ou em Pernambuco, na Cochinchina ou no Japão.

O Sr. Aguiar finge desconhecer que é a concorrência que estabelece o preço. Convinha-lhe desprezar o commercio da nossa praça para ir supprir-se, não nos mercados primitivos, mas nos mercados *importadores* como o do Ceará: contracta em Pernambuco—farinha de Santa Catharina, carne do Rio Grande do Sul e Rio da Prata, arroz da India a 3200 quando aqui se vendia a 2700 por arroba etc. etc.; nem um só artigo de produção d'aquella provincia!

O que vemos agora? Os armazens particulares atulhados de generos, deteriorando-se á falta de consumo; o governo comprando em Pernambuco o que n'esta praça lhe custariam muito menos.

Mas porque não ha de ser assim? Aon-

de está estabelecida a commandita—Livramento, Aguiar & C.?

Voltaremos ao assumpto.

NOTICIARIO.

Denuncia.—Perante o presidente da provincia e pelo inspector de estatistica do abarracamento do calçamento, Ismael Marinho Falcão, foi denunciado o respectivo commissario Pedro José da Costa, mais conhecido por *Pedoea*, que, irregularmente, tem mandado receber importancias de cartões por seu ordenança, filhos e famulos de sua casa, e outros factos escandalosos que muito depõem contra o feliz commissario.

Além d'isto, consta que está formando uma *caixa de amortisação* para soccorros aos retirantes, os quaes contribuem, contra sua vontade, com metade da quantia que recebem semanalmente.

No entanto, o Sr. Aguiar ainda conserva n'esse lugar aquelle protegido do Sr. tenente Sampaio, que, segundo dizem, tem parte em tales espertezas.

A' bem da moralidade publica e dos infelizes retirantes pedimos a S. Exc. a exoneração d'esse *Cotegipe*.

Accusações.—Duras e pesadas accusações nos tem sido feitas estes ultimos dias contra o commissario Joaquim Domingues, pelo modo deshumano por que está S. S. procedendo para com os infelizes retirantes de seu abarracamento.

Uma retirante, que se nos queixou ante-hontem, disse que não cessa de pedir a Deus que semelhante *peste* seja substituido por um homem que tenha compaixão da pobreza.

Vamos fazer indagações a respeito para voltarmos então ao assumpto.

LITTERATURA.

A caridade.

Quem dá aos pobres, empresta a Deus.

E' uma festa sublime
A festa da caridade!
Negar-lhe o obolo é crime
Que envergonha a humanidade!
Quem estende a mão amiga,
De porta em porta mendiga
Para os pobres consolar
Abre ás virtudes o peito,
Cumprido de Christo o preceito,
Faz de um theatro—um altar!

Ha muitas lendas sombrias
Da humanidade no seio;
Ha bem fundadas agonias
Dos risos por entre o meio:
A infancia, pobre, esquecida,
Ainda se arrasta illudida,
Da ignorancia ao grilhão;
E, em misera orphandade,
Não tem a luz da verdade
Que lhe esclareça a razão!

Não tem! que o corvo sangrento
Que Roma aos povos envia,
N'aquellas almas—sedento
Afferre a garra bravia!
E as pobres, tristes creanças
Que, aos risos das esperanças,
Vieram do mundo á luz,
Nas trevas submergidas
As almas sentem perdidas.
E os membros conservam nus.

Chora a viuva, coitada!
E chora a mingua de pão;
Na miseria que degrada
Busca alívio e busca em vão!
Vai o padre—a impia gralha
Sua última migalha
Peda... arranca-lh'a sem dó,
P'ra c'o o obolo roubado
Encher o cofre dourado
De Roma, do papa só!!

Em quanto as tristes viúvas
Sofrem da sorte o rigor
E expostos ao sol e as chuvas
Os orphãos gemem de dor...
Em quanto os povos—precitos
Pedem aos Céu nos seus gritos
De luz, torrentes caudais,
O ouro da christandade
Se derrete sem piedade
Nas ceias dos cardeais!

Ah! como o Christo, que veio
Remir o mundo algemado,
Da sua cõte no seio
Ha de sentir-se insultado!
Como lagrimas sentidas
Devem correr mal contidas
Nas sacras faces de Deus,
Quando vê os seus eleitos
Desprezando os seus preceitos,
Mudados em phariseus!

Mas não! Jesus o previa!
Da humanidade no estadio
Toda ergue a maçonaria
Da caridade o palladio!
Em torno d'esse estandarte
Se agrupa de toda parte
Quem necessita de luz!
A luta mais vulto toma:
Os padres contam com Roma
Mas nós contamos com a cruz!

Pedir em nome de Christo
P'ra soccorrer o infeliz
E' ser christão: pois é isto
Que a lei de Deus sempre diz;
Seguir o catholicismo
Não é ter o fanatismo
Por norte, por guia e lei;
Mas, sim seguir a virtude
Banir o vicio que illude,
Ter irmãos em cada grei.

Como a cruz, abrir os braços
Ser Abel e não Caím;
Apertarmos mesmos laços
Branços e negros, enfim!
Dar voo as livres ideias,
Da razão quebrar as peijas,
Curvar a fronte a Deus só!
Cobrir a nudez, que chora,

Matar a fome, que implora,
E aos pobres erguer do pó!

Eis porque sempre é sublime
A festa da caridade!
Negar-lhe o obolo é crime
Que envergonha a humanidade!
Quem estende a mão amiga
De porta em porta mendiga
Para os pobres consolar
Abre ás virtudes o peito
Cumpre de Christo o preceito,
Faz do theatro—um altar!

CARNEIRO VIELLA.

(Ext.)

A PEDIDO.

**Voto de gratidão ao Exm. Sr. J. J.
F. de Aguiar pela benéfica ad-
ministração que tem feito n'esta
provincia.**

Satan soltae um sorriso,
Gargalhe o corrupção,
Banqueteie despotismo,
Ride vós devassidão;
Que a cubeca encanecida
Do presidente homicida
Medita crimes, horror!
E o sangue do innocente
Vem salpicar inda quente
Uma fronte sem pudor.

Dança phantasma sinistro
Sobre as ossadas no pó;
Enterraes vosso punhal
Mercador vil e sem dó;
Que a tumba rôta esfaimada
Cabe do palácio á calçada,
Implora mas sempre em vão.
E zomba das fronte frias,
Nas vascas das agonias
Ao povo negando o pão!

Correi spectro hediondo
Vinde porte aqui tomar,
Faltava vossa presença
P'ra o festim principiar
Agora prostituição
Vosso amigo, vosso irmão
Vos dá ingresso, é a hora,
Atirae a virgem pura
No lôdo, na desventura
Em nome d'elle, qu'implora.

Principiou a orgia,
Já impera a bacchanal.
O monstro, que a preside,
E' rude velho immoral.
Elle fez mil prostitutas,
Fez de donzellas, corruptas;
Fez a honra se render
Entre os gemidos da fome;
Fez com ossos o seu nome
Lá nos bordéis escrever.

E além tremendo da fome
Em estreito abraço lá vão;
E' a velhice sem amparo,
A infancia sem protecção...

São esqueletos que caminham,
São esp'ritos que se avizinham
Do nosso termo fatal.
E o monstro sempre agoureiro
Continúa a ser coveiro
Sem deixar a saturnal.

Prosegue bebendo prantos,
Assassinando elle vao.
E no seu curso de hyena
O povo de fome cabe.
E no cadaver pizando
Da victima, que expirando
O maldiz perante Deus;
Elle solta uma risada
Pausada, fria, gelada,
Como o riso dos atheus.

E a bacchanal continúa.
Entre o gemit de agonias—
Os esqueletos se cruzam,
Pedem pão,—o reino a orgia!
E o mercador sem remorsos
Emprega todos esforços
Para o povo assassinar h...
E o resto, pobres, coitados,
Ah vão ser expatriados,
Vão morrer longe do lar.

Fortaleza—Janeiro de 78.

W. W. W.

As compras do Sr. Aguiar.

S. Exc. o Sr. conselheiro Aguiar que, a
custa de rasteiros e agентов empenhos ob-
teve do ministerio Masset & C.^a a nomeação
de presidente d'esta inditosa provincia, re-
cebeu dos cofres publicos a enorme somma
de 14.000.000 para transportar-se de Per-
nambuco á este porto, e, apesar d'isto, a
sua passagem foi gratis como consta da re-
lação dos passageiros do vapor em que veio
S. Exc. e sua familia, que se compõe de
tres ou quatro pessoas.

As despesas que S. Exc. fez com o car-
reto, embarque e desembarque dos dez ba-
hás, que formam o todo da sua bagagem,
não podem exceder de 100.000, e, no en-
tanto, os esbanjadores dos cofres publicos
mandaram metter nas limpas mãos de S.
Exc. a grossa somma de 14.000.000!!!

Esta quantia, reunida ao ordenado da
lente da academia e o de deputado geral,
prefaz uma somma superior a trinta contos
de réis que sahiram do thesouro nacional
para as felizes algibeiras de S. Exc., que
tem fome canina de dinheiro.

Não satisfeito com tanto dinheiro, S.
Exc. (dizem os cavilhosos) deu ordem para
serem comprados nas praças de Pernambu-
co, Bahia e Rio,—farinha, milho, feijão,
arroz, carne, alfafa e até burros cegos e
coxos, dando assim um luero enorme a cer-
tos Cotegipes, aos quaes (ainda são os cavil-
hosos que dizem) clandestina e previamente
associou-se S. Exc.!

Os lueros á dividir pelos felizes asso-
ciados são incalculaveis.

Os generos aqui chegados não corres-
pondem, as suas qualidades, aos altos pre-
ços por que foram comprados.

Os burros são affrontados, cegos, coxos e de cascos lascados;

A farinha é de pessima qualidade, e cerca de 2,000 saccas estão completamente podres;

A carne é em geral má, e as 10,000 arrobas vindas da Bahia pelo vapor *S. Salvador*, veio a granel, é velha e tem má cheiro, e, além d'isto, molhou-se no desembarque, ficando por conseguinte em estado imprestavel;

O bacalhão está em tal estado que, nas ruas onde se fazem os pagamentos aos retirantes, já não ha quem suporte o má cheiro que ali fica, devido a pessima qualidade do genero.

Em fim, tudo é má, tudo falta no pezo e nas qualidades, tudo está rasgado, tudo está quebrado—nada presta; mas o thesouro pagará todas as contas que tiverem o—conforme—de S. Exc. !

Vem a proposito pedirmos ao Sr. Dr. Moreira, inspector da saude publica, que vá aos armazens de deposito do governo e examine o estado dos viveres que ali estão guardados para serem distribuidos com os infelizes retirantes. S. S. não occupa esse cargo sómente para receber o ordenado, e, por isto, cumpra o seu dever mandando pôr no mar, na distancia de dez leguas, os viveres podres que enchem os armazens da praça.

O povo succumbe aos centos por semana, e a causa de tantas mortes está, incontestavelmente, na pouca e má alimentação que o governo manda distribuir.

S. Exc., o Sr. conselheiro Aguiar, incommoado com o pezo das justas accusações que, servindo de echo aos homens de bem, lhe tem feito o *Retirante*, tem garantido com sua palavra fraudulenta aos poucos *capachos* que lhe cercam, que nada tem com esses burros que vem do sul, os quaes são manda dos pelo governo geral, sem que elle os tenha pedido.

S. Exc. não sabe o que faz, nem tem coherencia no que diz !

Poucos dias depois de ter chegado S. Exc. á esta provincia, declarou a diversas pessoas que tinha encommoado para o sul todos os viveres necessarios, os quaes viriam em vapores que tinham de voltar d'aqui cheios de retirantes.

S. Exc. esqueceu-se d'isto muito depressa, e agora afirma aos seus thuriferarios, que não encommoou viveres para o sul, e que nada tem com esses esbanjamentos.

Isto é muito cynismo. . .

Felicamente os cearenses já se felicitam pela sahida de S. Exc. que, para vergonha do seu grande partido, veio polluir a cadeira presidencial d'esta provincia.

Os ventos lhe sejam contrarios e o mar enfurecido.

Um palaciano.

Caducique do Sr. Aguiar.

Nos ultimos dias da semana passada, vimos o Sr. Aguiar sair do seu pardieiro e dirigir-se á uma venda da praça d'Assembléa. Causando-nos isto alguma espe-

cie, tratamos de seguir ás pegadas do velho presidente que, segundo parece, está sofrendo de caducique, molestia muito commum aos da sua idade.

Na venda em que entrou, comprou o velho lente de direito criminal—oito velas de carnaúba de 20 réis cada uma, algumas bolachas e recebeu em moedas de 10 réis o resto de uma nota de 1\$000 que deu para trocar.

A nossa curiosidade cada vez aguçava-se mais, e perguntavamos a nós mesmo:—S. Exc. não terá criados? Será possivel que elle venha a uma venda comprar velas de carnaúba e bolachas? Consumir-se-hão por ventura aquellas velas e aquellas bolachas de tão má qualidade no palacio de um conselheiro que recebeu de presente 14:000\$ dos cofres publicos? !

Depois de um rasgado cumprimento ao bodegueiro, sahio o nobre conselheiro da venda e dirigiu-se ás arvores da praça d'Assembléa, sob as quaes dormiam algumas familias de infelizes retirantes, que tem por tecto o céu e por leito o solo.

Em chegando ao pé d'essa pobre gente, S. Exc. as acordava e entregava ao chefe da familia—uma vela, uma bolacha e um dez réis !

Recebido o gordo presente, ficava a pobre familia admirada por não saber o que significava aquillo, que ella suppunha ser alguma feitiçaria. . .

Quando S. Exc. andava n'essa piedosa distribuição, aproxima-se d'elle um medico, que não o conhecemos, e pergunta-lhe em voz goteira e pouco intelligivel:—V. Exc. anda visitando os enfermos? precisa dos meus serviços medicos? estou a vossa disposição.

—« Oh ! Sr. Dr.; ando distribuindo algumas esmolos com estes infelizes retirantes, e já que V. S. veio surpreender-me n'este agradável trabalho, tenha paciencia, vamos acolá ver uma *protegida* minha, a quem desejo salvar das garras da morte. Montem ella estava com muita diarrhéa; prometti-lhe mandar alguns remedios, mas os meus grandes affazeres não me deram lugar á que a minha promessa tivesse execução: vamos lá, Dr. »

S. Exc. poz-se á caminho levando em sua companhia o referido medico, e nós, curiosos de ver a sua *protegida*, seguimos os passos dos dois personagens que, atravessando a praça da Sé, entraram na escola do professor R. Vieira, na esquina da rua do quartel, onde se acham armazenados algumas centenas de infelizes retirantes.

A *protegida* de S. Exc., que devia estar ali, já tinha jurado bandeira no grande batalhão dos parias que foram condemnados por Deus á fazerem guarda eterna dentro das muralhas do cemiterio.

Tinha morrido ! . . .

E, quando os paes d'esse infeliz creança disseram a S. Exc. que, por falta de recurso, a menina tinha sido amortilhada em um sacco que teve farinha, o velho conselheiro desatarrachou os olhos e derramou lagrimas em abundancia.

Quanta vocação para o palco. . .

Chegando S. Exc. em palacio, onde já o esperavam com impaciencia, achou uma

mesa que era um verdadeiro mosaico. Prezuntos, bolos de todas as qualidades, vinhos, licores etc. formavam o ladrilho dessa mesa, que tinha de ser devorada por meia duzia de Tabocas, Picys, Bitús e Verumeiros.

Em palacio alguém fazia annos. . .

Alguns musicos do 15 batalhão foram chamados á sala, ouviram-se valsas e quadrilhas por elles tocadas; gambias de homens, pernas de senhoras pozeram-se em movimento, ora avançando, ora recuando, as vezes rodando. . .

Dançava-se em palacio !

S. Exc. já se não lembrava das lagrimas que em abundancia havia derramado meia hora antes de começar—o *chifrin* palaciano.

Os aristocratas são assim; só receiam a peste que os não respeita.

Que *bondoso* coração tem o Sr. Aguiar !

Felizmente, a qualquer instante, estamos lhe dando—bôa noite.

A alma do finado Virões.

Ao governo.

Desgraçada, mil vezes desgraçada, é a sorte dos infelizes retirantes !

Não sendo bastante o terrivel flagello da secca, estamos aqui sem garantias de vida.

Não é somente de fome que se morre n'esta infeliz povoação, é tambem de balla e chumbo pelas mãos dos sicarios !

Doze a quatorze pessoas já foram aqui victimas do bacamarte homicida, e algumas d'ellas, quem sabe, enterradas ainda vivas, para não descobrir-se o autor ou autores d'esses assassinatos !

Dois cadaveres d'aquelles desgraçados já foram encontrados; um no cercado do Sr. José Cunha, e outro no do Sr. Raymundo Francisco.

Os faccinoras passeiam impunes e zombando da acção da justiça, que é, ou faz-se cega para elles.

Para garantir nossa vida pedimos o auxilio do governo.

Já que estamos condemnados á morrer de fome, é justo que, ao menos, estes ultimos momentos que nos restam de existencia sejam garantidos pelo governo de S. M. o Imperador.

Povoação das Areias, em Mossoró, 4 de Dezembro de 1877.

Os retirantes. (2)

Medida proveitosa.

Lembra o velho Garapa, que o governo botou os padres do seminario na cocheira do Amarral, que está desoccupada; o Bispo no collegio das santas irmãs de caridade que tem grandes commodos, e d'esta forma ter-se-ha tecto para muita gente desvalida que está debaixo dos caujeiros.

Em complemento á tão proveitosa lembrança, aconselhamos ao Sr. Aguiar que deixe o seu palacio, que pôde abrigar grande numero de infelizes, e vá aboletar-se no hotel do mestre Antonio, ou na casa onde se acham residindo os engenheiros vindos ultimamente de Pernambuco.

O Mocó-tinindo.

CEARÁ—1877—TYPOGRAPHIA IMPARCIAL.—IMPRESSOR, SUTHERLAND PADILLA.